

Considerações sobre a não-divisão do Pará

Fábio Fonseca de Castro

11 de dezembro de 2011

E eis que o Pará continua unido, como era previsível.

Não há nada de transcendental nisso, como alguns farão crer, mas é a decisão certa, do ponto de vista econômico, político e social. É a escolha mais sensata, ainda que imensas populações das regiões secessionistas, seduzidas por promessas mentirosas de que suas vidas iriam melhorar, no caso da divisão, pensem o contrário.

O plebiscito deixa muitas lições. Faço algumas considerações ligeiras sobre elas:

1. Os projetos secessionistas foram gananciosos e inescrupulosos: tentaram abocanhar o que podiam ao remanescente Pará, e, principalmente por isso, perderam. Foram desmascarados nessa sua ambição. Aliás, duplamente desmascarados, porque o desmascaramento da ganância do desenho desvelou, em seguida, a máscara dos políticos por trás dos projetos, inescrupulosos em seus interesses.

2. Ficou evidente que os políticos do Sim contavam que somente as regiões separatistas fossem votar. Como a área remanescente também votou, como, aliás, foi legítimo, o projeto se configurou inviável desde suas origens.

3. Essa esperteza dos políticos do Sim demonstram que projetos de redivisão territorial não devem, nunca mais, ser feitos por políticos.

4. Propostas de divisão territorial devem partir de estudos sérios e consolidados, e devem levar em conta o equilíbrio

geopolítico causado pela pretensa divisão territorial, não apenas nas áreas secessionistas e remanescentes, mas em toda a federação.

5. Propostas de divisão devem ir, sempre, a plebiscito; é a única maneira de legitimar questões graves como essa.

6. A sociedade civil deve participar mais amplamente do encaminhamento dessas questões. Deixar as decisões referentes às escolhas de comunicação, dos pleitos, nas mãos de políticos, amesquinha o debate.

7. O debate sobre a divisão foi pobre e não ajudou a construir um projeto de futuro, um projeto de sociedade, para o Pará.

8. Não obstante, houve um efeito de mobilização social importante nas regiões do Pará remanescente.

9. A coesão social produzida pode caminhar para a catástrofe, se a tônica dominante continuar sendo pautada pela afirmação intolerante de uma pretensa identidade unitária, sólida e imóvel.

10. A metafísica do “*paraensismo*” pode vir a ser o grande mal amazônico do século XXI, porque o plebiscito, tal como foi conduzido, a legitima.

11. O debate político precisa ser pautado, na próxima década, por propostas de integração do estado.

12. Integração não significa interiorização e nem municipalização. É preciso inventar novas fórmulas políticas e econômicas para o Pará.

Tenho fé no futuro do Pará, mas também sou extremamente cético. Enquanto a política for feita enquanto marketing ela será a encenação reducionista da banalidade. Enquanto a sociedade civil não consolidar novos espaços públicos

para a interação e para a reflexão, a política será a arte da ignorância. Enquanto não houver, propriamente, uma *ação comunicativa* norteando a política, os discursos permanecerão vazios, sofistas, medíocres.